



Inventário da Produção Audiovisual Nacional de Ficção e Não-ficção (2001-2010) Que Representa a Ditadura Militar ¹

Sara Alves FEITOSA²
Universidade Federal do Pampa, São Borja/RS

RESUMO

O artigo traz resultados parciais da pesquisa, em andamento, *A história na tela: representações da ditadura militar brasileira no audiovisual nacional no período 2001-2010*. Aqui o objetivo é apresentar um inventário da produção cinematográfica nacional de ficção e não-ficção e identificar, a partir deste levantamento, informações relevantes e panorâmica sobre a produção audiovisual que tem como foco a temática da ditadura. O estudo justifica-se pela importância que as imagens técnicas ocupam na constituição de memória social. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e em acervos online. O referencial teórico ampara-se em Fentress e Wickham, Marialva C. Barbosa e Bronislau Baczko. Identificou-se 20 produções, entre longas-metragens de ficção e não-ficção, tendo uma prevalência da representação com base na trajetória de uma personagem e o período dos anos de chumbo como o mais representado.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema Brasileiro; Ficção; Não-ficção; Ditadura militar; Memória social.

Introdução

Em 2014, passados 50 anos do golpe militar de 1964 ainda há muito o que descobrir, debater e refletir sobre este período recente da história brasileira. A pesquisa *A história na tela: representações de ditadura militar brasileira no audiovisual nacional no período 2001-2010*, desenvolvida na UNIPAMPA, campus São Borja, parte do pressuposto que as representações audiovisuais sobre a história da nação constituem-se em lugar de produção de memória social (FENTRESS & WICKHAM, 1992). Sendo assim, a investigação tem como objetivos, na primeira etapa, mapear a produção brasileira de audiovisual, entre 2001-2010, que reconstitui eventos ou o período da ditadura militar brasileira (1964-1985). Em uma segunda fase, através da análise audiovisual (AUMONT e MARIE, 2011) a pesquisa pretende identificar as estratégias de produção de efeito de real (AUMONT, 2008) e de efeito de verdade

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Doutora em comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS), prof. Adjunta nos cursos de comunicação social da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus São Borja/RS.



(CHARAUDEAU, 2007) na representação da história política nacional sobre o referido período. No presente artigo apresenta-se resultados parciais referentes à primeira etapa da pesquisa, especificamente à produção cinematográfica, de 2001 a 2010, que representa acontecimentos ou episódios vivenciados durante a ditadura militar. A preocupação é aliar um trabalho de historiografia do audiovisual brasileiro com a representação da história do Brasil na tela, desse modo a investigação transita nos campos de conhecimento da comunicação, da história e da política. Posto que pretende investigar produtos comunicacionais produzidos na primeira década do século XXI que se preocupam com a representação da história política brasileira do período da ditadura militar.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: além da introdução, apresenta-se no subtítulo *produção audiovisual, história e memória* o referencial teórico e reflete-se sobre as implicações das representações de reconstituição histórica na constituição da memória social; no item *Inventário da produção cinematográfica brasileira sobre a ditadura* apresenta-se os resultados parciais da investigação detalhe-se os procedimentos metodológicos e por fim, faz-se alguns apontamentos preliminares sobre o material coletado.

Produção audiovisual, história e memória

A relação de comunicação e história, é pensada por Marialva Carlos Barbosa (2008) a partir da metáfora da imagem híbrida. Isso porque, segundo a autora, "chamar a relação história e comunicação de imagem híbrida [ou imagíbrida] é destacar o ato narrativo contido tanto nas análises e práticas históricas como nas análises e práticas comunicacionais" (BARBOSA, 2008, p. 110). A autora toma como pressuposto o fato de que "tanto a história como a comunicação produzem narrativas da existência", sendo a narrativa histórica voltada para o "passado humano", enquanto a comunicação preocupa-se com o que se configura como "o tempo presente". Pensando com a autora, o audiovisual de reconstituição histórica é a própria imagíbrida, uma vez que é uma narrativa que une esses dois campos de produção de narrativas da existência. Embora construa uma trama que se propõe reconstituir o passado, ela é sempre constituída de questões relevantes do momento de sua produção, ou seja, do tempo presente. É como se esse tipo de produto condensasse duas temporalidades: o passado extinto e o presente vivido, por isso também é possível identificá-lo como uma imagíbrida.



Nessa relação metafórica que Barbosa (2008) estabelece entre comunicação e história interessa a noção de articulações narrativas, ou seja, o modo como a história se ocupa dessas conexões produzidas em um tempo extinto, num mundo presumido que chega ao tempo presente sob a forma de restos, de vestígios decifráveis, possíveis de interpretação por parte do pesquisador que se interessa pelas narrativas produzidas num tempo anterior àquele que denominamos aqui agora. O passado se apresenta ao presente a partir do que Barbosa (2008) denomina de conectores históricos, ou seja, documentos (escritos, imagéticos, sonoros). Esses conectores são atos comunicacionais, através dos quais estabelecemos laços com o passado. Para Barbosa (2008, P. 120), a história é sempre um ato comunicacional, isso porque “a história sempre se refere do fracasso ou do sucesso de homens que vivem e trabalham juntos em sociedades [...], se constituindo num fragmento ou segmento do mundo da comunicação”.

Segundo a autora, o mais importante conector que dá no presente a materialidade e visibilidade de um passado, com a pretensão de ser o verdadeiro passado, é a memória. Através da memória, argumenta Barbosa, é possível produzir na imaginação a ideia de um tempo e lugar. "A memória é uma imagem híbrida por excelência" (BARBOSA, 2008, p. 116), pois conecta no presente, a partir dos restos e vestígios comunicacionais, uma narrativa ou um acontecimento do passado. Assim, a memória se constitui entre esses dois tempos e espaços: o passado e o presente.

Em relação aos conectores históricos, Barbosa (2008) chama a atenção para o fato de que a produção textual e imagética dos meios de comunicação são eles próprios conectores e marco referência para o futuro. No caso da produção do discurso audiovisual de reconstituição histórica, é possível verificar que produtos midiáticos, como jornais, cinejornais, fotografias, rádio jornais – tudo isso que, produzido no passado com o objetivo de comunicar ações e atos daquele tempo presente –, hoje são alçados ao posto de documentos históricos, instrumentos que atestam e atribuem efeito de real (AUMONT, 2008) a uma narrativa sobre o passado. Desse modo, argumenta Barbosa: "Os meios de comunicação se transformaram em momento axial para a preservação das mediações do presente para o passado pelo seu caráter de documento/monumento de memória, no sentido empregado por Le Goff" (BARBOSA, 2008, p. 129).

No trabalho cotidiano dos meios de comunicação de narrar o tempo presente já se coloca uma questão crucial para a constituição da memória social, ou seja, a seleção e, por consequência o que será possível, no futuro, ser selecionado, ou ser esquecido.



Como afirma Barbosa (2008, p. 135), "haverá sempre algo esquecido e algo lembrado do passado re-atualizado". Para a autora, nas narrativas televisuais – diríamos que nas produções audiovisuais de modo geral – com sentido histórico emerge um tipo particular de esquecimento, ou seja, são acontecimentos que ganham uma espécie de sentido supra-histórico, por ter afetado o público em outra época e, em razão disso, de ter colocado uma “espécie de marca afetiva. A sobrevivência dessas imagens indicaria a existência de um esquecimento profundo, o que Ricoeur chama esquecimento de reserva" (BARBOSA, 2008, p. 137).

O argumento é que a reconstituição histórica feita por esses produtos audiovisuais é produzida a partir de uma lógica do esquecimento de reserva. E desse modo a história do país se apresenta ao público no presente como algo trazido do esquecimento para a lembrança, silenciando, em contrapartida, sobre diversos outros aspectos.

A ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e as marcas que aquele período deixou na história da nação toma dimensões diferenciadas ao passo que nos distanciamos cronologicamente daquele episódio que durou 21 anos de nossa história recente. As mudanças no cenário político, especialmente a formação de uma comissão institucional, a Comissão Nacional da Verdade, que tem como finalidade apurar graves violações dos direitos humanos entre 1946 a 1988 ocorridas no Brasil têm repercussões na produção simbólica e na constituição da imaginação social. Investigar a produção audiovisual sobre a temática justifica-se a partir do pressuposto de que as representações audiovisuais da história constituem-se em espaço privilegiado para a constituição de imaginários sociais e de memória social. Estas narrativas ficcionais ou não-ficcionais são espaços privilegiados para percebermos as continuidades e descontinuidades no processo de consolidação da memória oficial celebrativa (CHAUÍ, 1998) ou memórias alternativas.

O historiador austríaco Michel Pollak (1992) argumenta que a memória é um fenômeno construído individual e socialmente. Para o autor, há pelo menos dois tipos de memória: aquela de acontecimentos vividos pelo indivíduo e a memória herdada, ou seja, o tipo de memória sobre acontecimentos vividos pelo grupo ou pela comunidade a qual a pessoa pertence. Na memória herdada, os acontecimentos, objeto de lembrança, são vividos por tabela, através dos relatos orais no grupo social, pelas representações ficcionais ou documentais nos meios de comunicação, etc. O que importa é que a pessoa nem mesmo participou dos eventos ou os presenciou, no entanto, no imaginário social, esses acontecimentos tomaram tamanho relevo que passam a fazer parte do repertório



mnemônico de toda uma geração. Passados 50 anos do golpe civil-militar de 1964 cada vez mais a memória daquela época se caracteriza como do tipo herdada.

Parece residir aí a conexão entre produção e disseminação de imagens sobre o passado, a constituição de memória e o que Bronislaw Baczko (1985) denomina de imaginário ou imaginação social. Segundo o autor, embora sejam termos marcados pela polissemia, remetem, com efeito, para um dado fundamental da condição humana, e é por isso, argumenta Baczko, que a sua definição nunca pode ser considerada adquirida. “Cada geração traz consigo uma certa definição do homem, simultaneamente descritiva e normativa, ao mesmo tempo que se dota, a partir dela, de uma determinada ideia da imaginação, daquilo que ela é ou daquilo que deveria ser” (BACZKO, 1985). Baczko (1985, p. 309) chama a atenção para o fato de que “todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar”.

É através dos seus imaginários sociais, afirma o autor, que uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns. Para o autor, o imaginário social elaborado e consolidado por um grupo social, ou uma nação, é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Por isso, o imaginário é também uma das forças reguladoras da vida social, tornando-se inteligível e comunicável através da produção dos discursos nos quais e pelos quais se constrói representações coletivas numa linguagem, a audiovisual por exemplo. A articulação dos discursos para construção de imaginários sociais implica a utilização de símbolos e signos. A função do símbolo não é apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e sociais e indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos (BERGER & LUCKMANN, 2008). Desse modo, justifica-se o interesse de investigar as representações sobre a história recente do país e buscar as continuidades e descontinuidades na representação audiovisual da ditadura militar brasileira na década 2001-2010.

Esses sistemas nos quais se assenta e através dos quais opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações. A abrangência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Assim, para manter a hegemonia nos imaginários, é fundamental o controle



destes meios, que, de acordo com Baczko (1985), correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. Por isso, se explicam as disputas em torno dos meios de produção e difusão dos discursos em uma sociedade. O autor chama a atenção para o fato de que

os meios de comunicação de massa garantem a um único emissor a possibilidade de atingir simultaneamente uma audiência enorme, [...] por outro lado, os novos circuitos e meios técnicos amplificam [...] as funções performativas dos discursos difundidos e, nomeadamente, [das representações e] dos imaginários sociais que eles veiculam (BACZKO, 1985, p. 313).

Bronislaw Baczko (1985) considera que, com exceção das informações centradas na atualidade produzida pelos meios de comunicação, tudo são imaginários sociais, representações globais da vida social, das suas diferentes instâncias e autoridades. No entanto, é importante observar que inclusive o jornalismo de atualidade é prenhe de representações, imagens e imaginários, sendo possível numa formulação geral dizer que o objeto da comunicação e dos meios de difusão dos discursos é a produção de representações e imaginários sociais. Vale a pena lembrar, ainda, que em se tratando de aspectos sociais, verifica-se um processo contínuo de contaminações entre as várias instituições sociais produtoras e disseminadoras de discursos e, por sua vez, de imaginários sociais. Considerando que na contemporaneidade a imagem tem papel fundamental na construção dos discursos com valor de verdade (CHARAUDEAU, 2007) e, portanto, na produção de imaginários sociais, é importante observar os modos de fazer crer utilizados no audiovisual que representa o passado da nação, a fim de obter se não um valor de verdade, pelo menos aquilo que Charaudeau chama de efeito de verdade.

Inventário da produção cinematográfica brasileira sobre a ditadura

A palavra inventário está mais comumente associada ao campo patrimonial, significando o rol ou lista de bens, móveis e imóveis de uma empresa ou pessoa. Aqui partimos do significado original de inventário para atribuir à lista e aos produtos nela organizados o sentido de patrimônio material e imaterial, considerando que por se tratar de representações da história recente compõem os processo de constituição da memória social sobre os eventos objeto de representação, como assinalado antes.



Para compor o inventário apresentado no quadro 1 utilizou-se várias fontes para coleta³ das informações que compõe o quadro 1, dentre elas, a base de dados da Cinemateca Brasileira, site oficial dos filmes, o site da Revista Filme Cultura e o Dicionário de Cinema Brasileiro, de Mauro Baladi (2013). Além dos dados dispostos no quadro 1 a coleta buscou compilar ficha técnica, elenco e lista de testemunho (quando se tratava de filme de não-ficção) e informações adicionais como: prêmios, público, curiosidades do contexto de produção e exibição. No quadro 1 apresenta-se apenas dados de identificação (nome, ano, diretor e gênero) e a sinopse do filme.

Com os dados coletados espera-se observar predominância de gênero, se há concentração de produção em torno de um tipo de sub-temática e ano de produção. Espera-se ainda que com a análise dos dados presentes no inventário se possa traçar critérios para delimitação dos produtos que comporão o *corpus* da fase de finalização da pesquisa.

Quadro 1 – Filmes produzidos entre 2001-2010 sobre a temática Ditadura Militar⁴

Filme	Sinopse
<i>O ano em que meus pais saíram de férias</i> Ano: 2006 Diretor: Cao Hamburger Gênero: Ficção	Drama de relacionamento. Belo Horizonte, 1970. Quando seus pais são obrigados a sumir no mundo, perseguidos pela ditadura militar, a vida do menino Mauro muda radicalmente. Ele sai de sua casa, em Minas Gerais, e vai morar com o avô judeu, que ele mal conhece, num bairro popular de São Paulo. Deixado na casa do avô, Mauro logo descobre que o avô faleceu. Enquanto espera um telefonema de seus pais para ser resgatado, Mauro passa a morar com um vizinho de seu avô, um judeu conservador. O filme aborda o choque cultural vivenciado pelo menino que nunca teve qualquer vínculo com o judaísmo.
<i>Barra 68 – Sem perder a ternura</i> Ano: 2000 Diretor: Vladimir Carvalho Gênero: Não-ficção	Documentário que faz um retrospecto da dramática situação vivida pela Universidade de Brasília no período decorrido entre o Golpe de 1964 e o recrudescimento da repressão, em 1968. A partir dos depoimentos de ex-alunos e ex-professores da universidade – e de alguns registros cinematográficos da época –, o filme investiga o violento processo de perseguição movido contra a instituição, invadida pelas forças militares em 1968. Trata-se de um importante documento sobre a participação estudantil nos acontecimentos políticos da segunda metade dos anos 1960.

³ A coleta foi realizada pelos acadêmicos de jornalismo: Adrienne Fioravante Marques, Júlia Furtado Dalcin, Liége Augustin dos Santos, Luiz Carlos Briza Junior, Nádia Ferraz Aquino e Tiago Rosário de Santana.

⁴



<p><i>Batismo de Sangue</i> Ano: 2006 Diretor: Helvécio Ratton Gênero: Ficção</p>	<p>Drama político baseado no livro homônimo de frei Betto. Brasil, final da década de 1960. Achando que a mensagem de Karl Marx é mais efetiva que a de Jesus, um grupo de frades dominicanos resolve auxiliar a Aliança Libertadora Nacional, organização guerrilheira comandada por Carlos Marighella.</p>
<p><i>Benjamin</i> Ano: 2003 Diretor: Monique Gardenberg Gênero: Ficção</p>	<p>Drama baseado no romance homônimo. Benjamin Zambraia, um veterano modelo fotográfico, encontra casualmente a jovem corretora de imóveis Ariela Masé, que parece ser a reencarnação do grande amor de sua vida, Castana Beatriz, com quem ele vivera um complicado relacionamento em meados dos anos 1960. Percebendo que Ariela, uma órfã, deve ser a filha desaparecida de Castana (militante de esquerda assassinada pela repressão), Benjamin guarda o segredo e tenta convencer a moça a morar com ele, numa tentativa de resgatar o passado.</p>
<p><i>Brizola Tempos de Luta</i> Ano: 2008 Diretor: Tabajara Ruas Gênero: Não-ficção</p>	<p>Documentário sobre a vida e a carreira política de Leonel Brizola (1922-2004), uma das mais polêmicas figuras da política brasileira do século XX. Exilado, Brizola colaborou com o financiamento de ações da guerrilha em território brasileiro. De volta ao país com a anistia, instalou-se no Rio de Janeiro onde atuou como governador.</p>
<p><i>Cabra Cega</i> Ano: 2004 Diretor: Toni Venturi Gênero: Ficção</p>	<p>1971, a organização está debilitada e discute o abandono da estratégia armada. Escondidos no apartamento de Pedro, Thiago e Rosa, dois jovens militantes da luta armada, vivem o sonho e o pesadelo do projeto revolucionário. Thiago é o comandante de um grupo de ação de uma das organizações da ultra-esquerda brasileira, que enfrenta o poder militar. Ferido à bala em uma emboscada da polícia, é obrigado a se esconder na casa de Pedro. Rosa, uma militante, é o contato de Thiago com o mundo, a vida e a fantasia. É também sua enfermeira, amiga, amante. Um thriller realista, que explora no confinamento de um apartamento o fim de uma era. Ou um reinício para Thiago?</p>
<p><i>Caparaó</i> Ano: 2006 Diretor: Flavio Frederico Gênero: Não-ficção</p>	<p>Documentário que busca resgatar a memória de uma das maiores aventuras da esquerda brasileira. Em 1966, quando o regime militar estava no início, um grupo de dezessete militantes comunistas (quase todos ex-militares) reúne-se na região da Serra do Caparaó – entre o Espírito Santo e Minas Gerais – com o objetivo de derrubar a ditadura pela força.</p>
<p><i>Condor</i> Ano: 2008 Diretor: Roberto Mader Gênero: Não-ficção</p>	<p>Documentário que aborda um dos episódios mais delicados e polêmicos da história política sul-americana moderna: a Operação Condor. Trata-se de um acordo de cooperação entre os serviços de inteligência das diversas ditaduras militares sul-americanas, efetuado em 1975, que garantia a ação conjunta na luta contra as ações de</p>



	<p>esquerda. Deste modo, muitos ativistas no estrangeiro foram sequestrados e repatriados, ou simplesmente mortos. Seguindo uma linha cronológica, o filme apresenta depoimentos de representantes daqueles regimes, dos sobreviventes da repressão política e de militantes dos direitos humanos.</p>
<p><i>Corpo</i> Ano: 2007 Diretores: Rossana Foglia e Rubens Rewald Gênero: Ficção</p>	<p>Dois fatos da recente história política brasileira estão relacionados à concepção do filme: 1) em 1990, foi encontrada em São Paulo uma vala clandestina no cemitério de Perus, com ossadas de centenas de pessoas desaparecidas durante a ditadura militar no Brasil. 2) Em 2004, foram divulgadas fotos do jornalista Vladimir Herzog sendo torturado pela repressão política em 1975, dias antes de sua morte, oficialmente relatada como “suicídio”. <i>Corpo</i> é um filme de ficção que parte dessa perspectiva histórica para discutir os vestígios daquela época na contemporaneidade, como algo ainda por ser resolvido, e não “enterrados”.</p>
<p><i>D. Helder Câmara – O santo rebelde</i> Ano: 2004 Diretor: Érika Bauer Gênero: Não-ficção</p>	<p>Documentário sobre o padre cearense Dom Helder Câmara (1909-1999), que se tornou conhecido por sua militância política nos tempos da ditadura militar.</p>
<p><i>Em teu Nome</i> Ano: 2009 Diretor: Paulo Nascimento Gênero: Ficção</p>	<p>Drama baseado na vida de João Carlos Bona Garcia. Brasil, anos 1970. Boni, um jovem estudante gaúcho, resolve aderir à luta armada, porém carrega dúvidas e medos sobre se este seria realmente o melhor caminho. Boni tem pela família, pela namorada e pelo futuro, que parece mais incerto a cada dia. Como tantos, é preso, torturado e banido do país, ao ser trocado pelo embaixador suíço no chamado grupo dos 70.</p>
<p><i>Hércules 56</i> Ano: 2006 Diretor: Silvio Da-Rin Gênero: Não-ficção</p>	<p>Documentário sobre a luta armada contra o regime militar, focado no sequestro do embaixador estadunidense Charles Elbrick, ocorrido na semana da Independência de 1969. Em troca do diplomata, foi exigida a divulgação de um manifesto revolucionário e a libertação de 15 presos políticos, representantes de todas as tendências que combatiam a ditadura. Banidos do território nacional e com a nacionalidade cassada, foram conduzidos ao México no avião da FAB Hércules 56. O filme intercala depoimentos dos presos libertados com um bate-papo entre alguns dos membros do grupo que realizou o sequestro.</p>
<p><i>Memória para uso diário</i> Ano: 2007 Diretor: Beth Formaggini Gênero: Não-ficção</p>	<p>Documentário do Grupo Tortura Nunca Mais, organização criada por militantes de esquerda e familiares de mortos e desaparecidos no período da ditadura militar (1964-1985).</p>
<p><i>Quase dois irmãos</i> Ano: 2005</p>	<p>Nos anos 70, quando o país vivia sob a ditadura militar, muitos presos políticos foram levados para a Penitenciária</p>



Diretor: Lúcia Murat Gênero: Ficção	da Ilha Grande, na costa do Rio de Janeiro. Da mesma forma como os políticos, assaltantes de bancos também estavam submetidos à Lei de Segurança Nacional. Ambos cumpriam pena na mesma galeria. O encontro entre esses dois mundos é parte importante da história da violência que o País enfrenta hoje. "Quase Dois Irmãos" mostra como essa relação se desenvolveu e o conflito estabelecido entre eles. Entre o conflito e o aprendizado, nasceu o Comando Vermelho, que mais tarde passou a dominar o tráfico de drogas. O filme tem como pano de fundo a história política do Brasil nos últimos 50 anos, contada também através da música popular, o ponto de ligação entre esses dois mundos. Hoje, começa um novo ciclo: Miguel tem uma filha adolescente, que fascinada pelas favelas e pela transgressão, se envolve com um jovem traficante.
<i>O sol</i> Ano: 2006 Diretor: Tetê Moraes Gênero: Não-ficção	Documentário sobre o jornal O Sol, um experimento da imprensa alternativa criado em 1967, no Rio de Janeiro, como porta-voz da juventude esquerdista brasileira. Agregado ao Jornal dos Esportes, O Sol marcou o início de carreira de diversos profissionais e, mesmo tendo sobrevivido apenas por alguns meses, testemunhou momentos marcantes da vida política e social do país. Além da história do próprio jornal, o documentário busca depoimentos sobre o contexto nacional no período 1964-1968.
<i>Sonho e desejo</i> Ano: 2006 Diretor: Marcelo Santiago Gênero: Ficção	Uma jovem estudante, um professor de literatura e um guerrilheiro ferido que está sempre com o rosto coberto são três militantes, que estão confinados em um apartamento em Belo Horizonte. Ali eles confrontam suas opções afetivas e políticas, que envolvem lealdade, traição e desejo.
<i>Tancredo – a travessia</i> Ano: 2010 Diretor: Silvio Tendler Gênero: Não-ficção	Documentário sobre a carreira política de Tancredo Neves (1910-1985), uma das figuras mais importantes da história brasileira. Valendo-se de depoimentos (inclusive do próprio Tancredo) e de imagens de arquivo, o filme começa abordando brevemente a participação de Tancredo Neves no governo de Getúlio Vargas (1950-1954), trata da sua derrota na eleição para o governo de Minas, em 1960, do seu papel como primeiro –ministro no início do governo de João Goulart e de sua atuação na oposição ao regime militar pós-64. Porém, a maior parte da narrativa se concentra na luta de Tancredo pelas eleições diretas e na sua campanha à presidência da República, marcada pela vitória e pelo drama da doença que o impediu de tomar posse e o levou à morte.
<i>Tempo de resistência</i> Ano: 2004 Diretor: André Ristum	Documentário jornalístico baseado no livro homônimo de Leopoldo Paulino que aborda o fenômeno da luta armada contra a ditadura militar brasileira, entre meados dos anos



Gênero: Não-ficção	1960 e 1970. A partir de depoimentos de antigos militantes de esquerda envolvidos com a guerrilha, com o terrorismo e com o movimento estudantil, o filme procura avaliar esse episódio da nossa história política, tão danoso para o processo de redemocratização.
<i>Vlado: 30 anos depois</i> Ano: 2005 Diretor: João Batista de Andrade Gênero: Não-ficção	Documentário sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975), torturado pelas forças de repressão da ditadura militar brasileira. Além de um histórico da carreira de Herzog, o filme apresenta diversos depoimentos de parentes, amigos e colegas de trabalho, muitos dos quais forma presos e torturados como ele. Trata-se de um importante resgate da memória política brasileira, de um período de transição no qual a morte de Herzog representou um “tiro no pé” por parte das correntes mais radicais das forças armadas que se opunham à distensão política iniciada no governo Geisel.
<i>Zuzu Angel</i> Ano: 2006 Diretor: Sérgio Rezende Gênero: Ficção	Drama biográfico que relata a luta da estilista brasileira Zuzu Angel (1921-1976) para esclarecer a morte de seu filho Stuart. No início dos anos 1970, Zuzu – uma bem-sucedida profissional da moda – tem um choque ao receber extraoficialmente a notícia de que seu filho Stuart, militante de esquerda, foi preso pelos militares. Apesar de seu empenho, ela não consegue a confirmação da prisão, até que recebe a informação de que Stuart morreu em consequência das violentas torturas. A partir daí, Zuzu passa a dedicar sua vida a descobrir o paradeiro do corpo do filho e à punição dos culpados por sua morte.

O quadro 1 apresenta uma relação de 20 filmes, 11 produtos de não-ficção e nove de ficção. Observou-se que há um equilíbrio na produção, no que diz respeito ao gênero (ficção e não-ficção), embora com uma pequena vantagem, o filme documentário prevalece. Este fato denota que a produção audiovisual nacional sobre a temática ainda tem uma ênfase documental. Provavelmente por dois motivos: 1) a tradição de produção documental do cinema brasileiro; 2) a necessidade de atribuir um valor de verdade (CHARAUDEAU, 2007) sobre as representações da história. Essa busca pela autenticidade e construção de um discurso com efeito de verdade é observado também nas produções de ficção. Preliminarmente pode-se afirmar que grande parte das narrativas ficcionais utilizam insertos de fragmentos do real, seja recortes de jornais, trechos de reportagens televisivas, fotografias de época e outros elementos iconográficos que enfatizam a relação da representação ficcional com o real.

Do ponto de vista da temática, a partir do inventário, pode-se afirmar que um modo de abordar a história nos filmes é o uso de uma personalidade que viveu a resistência como fio conductor das narrativas. A personalização do processo histórico é



uma forma consolidada de abordar a história nas representações audiovisuais. Para Robert Rosenstone (2010, p.136), fazer a biografia de indivíduos é considerá-los no centro do processo histórico, deixando entrever “que vale a pena estudá-los como modelos de vida, ações e sistemas individuais de valores que admiramos ou que nos desagradam”. A biografia é um gênero controverso, pois tendo como referência pessoas e acontecimentos documentados e de existência real, sofre a influência do romance e da ficção⁵. Na impossibilidade de restaurar a totalidade de uma vida, impõem-se a necessidade de seleção, de conceber o sujeito e sua trajetória aos pedaços, como admite Roland Barthes (2003). O biógrafo, assim como um escritor de ficção, impõe um padrão aos acontecimentos, constrói um protagonista e delimita o padrão da sua vida. É nesse sentido que Rosenstone (2010, p. 137-138) observa que os “melhores biógrafos sabem que estão inventando por meio de sua seleção e arranjo do material”.

Quando essa seleção e arranjo para contar vidas se expressam pelo audiovisual, deve-se levar em conta a trilha sonora, as cores, os enquadramentos, os cenários, figurinos e muitos outros elementos estéticos que compõem essa representação. Falando do processo de produção de biografias, Rosenstone (2010) vê semelhanças no trabalho do biógrafo para mídia impressa e para o audiovisual:

Tanto o biógrafo como o cineasta se apropriam de alguns dos detalhes remanescentes de uma vida e os tramam para formar um enredo que tem um tema que infunde significado nos dias do biografado. [...] a obra resultante baseia-se mais nos dados incorporados a uma vida criada pelas habilidades literárias [ou audiovisuais] do biografado do que nos dados brutos (ROSENSTONE, 2010:140)

Estes aspectos do arranjo que se faz para a produção de uma narrativa histórica cujo o eixo é a trajetória ou um período da vida de um sujeito só poderá ser melhor explorada na fase final da pesquisa, a partir da análise audiovisual. A abordagem biográfica está presente no inventário aqui apresentado tanto em filmes de ficção como em não-ficção: *Brizola Tempos de Luta; Batismo de Sangue; D. Helder Câmara – O santo rebelde; Em teu Nome; Tancredo – a travessia; Vlado: 30 anos depois e Zuzu Angel*.

Quanto ao período representado observa-se que os anos de chumbo, entre 1968 e o início dos anos 1970, têm maior presença nas narrativas, senão vejamos: *O ano em que meus pais saíram de férias; Barra 68-Sem perder a ternura; Batismo de sangue; Cabra-cega; Em teu nome; Hercules 56 e Tempo de Resistência*. Vale chamar atenção

⁵ Vale lembrar que a narrativa histórica, construída a partir de um método científico e dos vestígios e restos comunicacionais deixados pelo passado, é uma espécie de ficção, embora distinta da narrativa ficcional feita pelo literato. Posto que a primeira é uma ficção controlada (PESAVENTO, 2004) pelos fragmentos do passado e esta última deve obedecer apenas as regras internas da própria narrativa.



ainda para o documentário *Condor* que evidencia as relações de colaboração entre as ditadura latino-americanas e por dar voz aos militares, atitude não comum entre as representações audiovisuais sobre o período identificadas no inventário, constituindo assim em um provável exemplo de descontinuidade nessa produção recente, mas que no entanto carece de ser melhor analisada para se poder fazer afirmações mais bem fundamentadas, etapa que deve dar continuidade à investigação.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. & MARIE, M. A análise do filme. Lisboa: Edições texto e grafia, 2011.
- AUMONT, J. A imagem. Campinas (SP): Papyrus, 2008.
- BALADI, M. Dicionário de cinema brasileiro: filmes de longa-metragem produzidos entre 1909 e 2012. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARBOSA, M. C. Uma imagem híbrida: comunicação e história. In: ARAUJO, Denize Correia & BARBOSA, Marialva Carlos (orgs.) *Imagíbrida: comunicação, imagem e hibridação*. (e-book). Porto Alegre: Editoraplus.org. 2008. pp. 110-139.
- BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BAZCKO, B. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. *Antropos-homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. pp- 296-332.
- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2008.
- CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHAUÍ, M. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FENTRESS, J. e WICKHAM, C. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992.
- PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, pp. 200-212. Disponível em <http://migre.me/7IaMr> acesso em 18/04/2011.



ROSENSTONE, R. A história nos filmes, os filmes na história. São Paulo: Paz & Terra, 2010.

Referências online:

Cinematca Brasileira www.cinematcabrasileira.gov.br

Site do filme Corpo <http://corpofilme.com.br/>

Site do filme Em teu nome www.emteunome.com.br/site/index.html